

## EDITORIAL

Esperança é verbo! Chega de retrocessos: Esperancemos!

---

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.7-14>

---

Este é um ano muito desafiador – teremos eleições gerais em todo o país e *Formação em Movimento*, a revista da ANFOPE, em seu primeiro número de 2022 – nossa oitava edição – não pode neste Editorial furtar-se a comentar a relevância deste ano eleitoral para a luta pela formação de professores para a educação básica e para todo o campo educacional.

Após décadas de lutas pela formação e valorização dos profissionais da educação, vimos as políticas públicas, arduamente conquistadas, serem desmanteladas, após o golpe de 2016, que se consolidou e intensificou com as eleições de 2018 – um ano eleitoral dramático, ou, seria melhor dizer, trágico, cujo legado é o recrudescimento de todas as formas de violência e exclusão, sendo a fome a mais perversa e vil.

Em 2022, estamos vivenciando, com o relaxamento das medidas restritivas e a retomada das atividades presenciais, mais uma onda de contágio da Covid 19, o que nos assusta tremendamente. Afinal, persiste a atitude negacionista do Governo federal, que já custou mais de 668 mil vidas, e devido a esta, ainda não atingimos a cobertura vacinal esperada, e não somente em relação a Covid 19, mas de prevenção a uma série de doenças, antes controladas, que ensaiam retornar, como o sarampo, que ameaça a vida das crianças brasileiras.

O cenário atual é assustador: violência estatal, destruição do meio ambiente, corrupção orquestrada a partir dos ministérios, viralizam com o aval governamental, Estes males exigem outro tipo de vacinação: a democracia na veia inoculando o respeito

à vida e aos direitos humanos e sociais. Em ano eleitoral, escândalos impunes estampam as manchetes dos jornais em que a tônica é o desvio do fundo público – cantores sertanejos, pastores, ministros, militares, picanha, viagra, cloroquina, orçamento secreto, sigilo centenário, compra de mansões, milícias. A mídia internacional denuncia as chacinas, a tortura, as mortes – no campo e nas cidades, nas favelas e periferias, na floresta: indução e omissão dos podres poderes e mais impunidade. A população amarga os juros altos, o desemprego, a inflação, a carestia e a fome: muito descaso e mais violência. Aumenta a sanha entreguista: é urgente privatizar o que ainda resta da soberania nacional. Até quando tanto desmonte, morte e destruição? Basta!

2022 é o ano em que podemos esperar juntos, e como no samba, levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima: juntos! E juntos lutar pela “retomada do Estado democrático de direito e a defesa da educação pública e popular, com gestão pública, gratuita, democrática, laica, inclusiva e de qualidade social para todos/as/es” como propõe a II CONAPE - Conferência Nacional Popular de Educação. Um movimento de resistência da sociedade brasileira, ao projeto de desmonte e privatização da educação impetrado pelo Governo Federal e seus aliados, que impõem uma reforma empresarial da educação atrelada aos interesses do setor privado. O Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE), composto por dezenas de entidades nacionais e movimentos sociais, nos aponta o caminho da reconstrução: um projeto de educação emancipatória, democrática e inclusiva, ancorado no legado de Paulo Freire, e que reafirme a potência dos/das trabalhadores/as e profissionais da educação e dos/as estudantes em defesa da escola e da universidade pública.

Neste oitavo número de *Formação em Movimento*, que pela sua potência e dimensão ocuparia pelos menos duas edições – são quase setecentas páginas de artigos, ensaios, resenhas, documentos e poesia – temos o **dossiê temático** “*Formação de professores na perspectiva freireana: políticas, concepções e experiências*”, organizado pelas professoras Maria Eliete Santiago e Rita de Cassia Cavalcante Porto. Desde o ano passado, celebramos o Centenário de Paulo Freire, e neste número reafirmamos seu protagonismo e sua perspectiva educativa: um educador à frente de seu próprio tempo histórico, que nos legou uma vasta obra, reconhecida internacionalmente, sempre comprometido com as demandas formativas das camadas populares.

Por mais que existam muitos estudos, práticas e releituras de Paulo Freire, sua obra permanece aberta a novas e outras reflexões, dada a sua profundidade, fecundidade e atualidade. Impossível seria esgotar a discussão acerca de seu pensamento pedagógico, político e social. Assim, o que tentamos neste Dossiê, foi abrir espaço acadêmico e político para o compartilhamento de propostas interpretativas, relatos de experiências e análises teóricas, de autores – professores e estudantes de diversos estados brasileiros, de diferentes instituições, do ensino superior e da educação básica – afetados por Paulo Freire. A aposta desse coletivo plural é que sua obra permanece potente para nos ajudar não só a ler a realidade da escola e da educação brasileira, mas traz efetivas contribuições para projetarmos sua transformação.

Neste momento de ataques avassaladores à educação, Paulo Freire se mostra, absolutamente necessário e atual: sem margem de dúvida, o patrono da educação brasileira é o grande referencial pedagógico e políticos de professores e professoras. A luta coletiva pela ampliação do acesso à educação, entendida como prática social de conscientização sobre a realidade opressora e excludente é marcante no permanente processo de elaboração de uma epistemologia coerente com seu posicionamento político e sua práxis educativa.

Sua obra é marcada por uma crítica radical a um modelo de educação baseado na reprodução social de cunho autoritário, dominador e alienante. Sua perspectiva calcava-se na possibilidade de uma educação democrática, com vistas à emancipação e libertação de homens e mulheres de todas as formas de opressão. Freire foi um estudioso rigoroso, que bebeu em várias fontes, e com e pela práxis, edificou uma obra original, coerente e profunda, deixando como legado uma concepção de educação de inegável importância, teórica, pedagógica, política e social, o que torna qualquer tentativa reducionista de categorizá-lo, em uma corrente pedagógica ou linha filosófica, impossível e pouco produtiva. Paulo Freire é único e original. Cabe destacar, que sua epistemologia nunca foi neutra, mas comprometida com a luta das classes populares, pondo-se de forma veemente contra a opressão e a injustiça social, em busca coletiva de ser mais.

Trazemos breves considerações sobre a obra de Paulo Freire, desenvolvidas em texto anterior<sup>1</sup>, como forma de introduzir algumas das discussões elencadas neste

---

<sup>1</sup> CUPOLILLO, Amparo Villa. Avaliação da aprendizagem escolar e o pensamento de Paulo Freire: algumas aproximações. In, *Práxis educativa*, Ponta Grossa, PR, v. 2, n. 1, p. 51-64, jan.-jun. 2007.

Dossiê. Destacamos, quatro “intuições” que Moacir Gadotti<sup>2</sup> considera que condensam as principais contribuições de Paulo Freire para a reflexão pedagógica universal: a ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa; a educação como um ato dialógico; a crítica à fragmentação e ao isolamento dos conteúdos científicos tratados pela escola; e o planejamento educacional como um processo comunitário e participativo. Essas quatro premissas apresentam pontos fundamentais que ajudam a conhecer parte importante da originalidade reflexiva de Paulo Freire, e a entender sua obra, epistemologicamente erudita e rigorosa, sem deixar de ser politicamente engajada e propositalmente popular.

A primeira premissa, ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa, ressalta que toda educação deve ser orientada para a aquisição de conhecimentos que permitam a leitura do mundo, em uma perspectiva de transformação, e para tal, atenta, de forma enfática, para os aspectos metodológicos. Paulo Freire, muitas vezes acusado de não valorizar os conteúdos, ressaltava sua relevância, mas não como um fim em si mesmo, em uma equivocada visão conteudista, mas como mediadores da possibilidade de aprofundamento da conscientização e da leitura do mundo. Para Freire, ler o mundo é criar e recriar cultura, é aventurar-se nos meandros do já produzido, desvelando significados e oferecendo novos sentidos ao conhecimento. Para os educadores, que auxiliam outros sujeitos na leitura do mundo, Freire indica férteis caminhos: humildade, generosidade, curiosidade e, acima de tudo, escuta sensível. Educação, então, não é mera transmissão de um conjunto de conhecimentos acumulados pela humanidade, mas encontro permanente entre seres humanos, mediado pelos diversos saberes que todos, educadores e educandos, possuem.

É, exatamente, a perspectiva dinâmica do conhecimento e da permanente humanização, que está no cerne do conceito de “inacabamento”, central na sua teoria pedagógica. A consciência da inconclusão do ser humano é, para Freire, a alavanca vital de sua possibilidade de construir, de fazer, permanentemente, a História acontecer, em movimento de constante superação do que está posto como destino. Freire coloca-se, assim, contra qualquer indício de inexorabilidade, encorajando a

---

<sup>2</sup> GADOTTI, Moacir. Saber aprender: Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria de Nazaré (orgs.) Compartilhando o mundo com Paulo Freire. São Paulo, Cortez, 2003.

tomada de responsabilidade pelo desenrolar autêntico, crítico e otimista do fazer histórico.

A segunda premissa, de que a educação é um ato dialógico, se relaciona visceralmente à primeira, e marca todo o pensamento de Freire, que entende que o ato de conhecer é necessariamente uma ação compartilhada, nunca solitária. O pensamento freireano é histórico, gnosiológico e lógico, é também dialógico, sendo a comunicabilidade, um elemento fundamental e imprescindível na sua epistemologia. O diálogo é encontro, e, portanto, é uma ação rigorosamente desprovida de autoritarismo, dominação ou qualquer sinal de preconceito e submissão cultural. A comunicação é uma condição própria do ser humano, e a disponibilidade ao diálogo apresenta-se, como condição ímpar à educação que se propõe democrática, crítica e construtiva, e, assim, é central na concepção freireana de educação. Dialogar é abrir-se à compreensão do outro e deixar-se conhecer pelo outro, para que, juntos, ampliem seu potencial de leitura e entendimento do mundo. É conscientizar-se do inacabamento, buscando respostas, no e com o outro.

A terceira premissa refere-se à noção de ciência aberta às necessidades populares, buscando, incessantemente, construir-se a partir das contradições do real que afetam a vida cotidiana. Assim, capturadas no encontro dialógico, na comunicabilidade imprescindível entre educador-educando, as temáticas da fome, da miséria, do trabalho, da doença e da habitação apresentam-se de forma recorrente em sua pedagogia. Freire critica a fragmentação e o isolamento dos conteúdos científicos tratados pela escola, questiona a eficácia do conteudismo vazio e descontextualizado, incapaz de qualificar os alunos para uma leitura crítica e criativa sobre a realidade.

A quarta premissa, apontada por Gadotti, traz o planejamento educacional como um processo comunitário e participativo, reafirmando a defesa radical da democracia e do compromisso social da educação com a libertação e a emancipação de homens e mulheres. No pensamento freireano, a educação é, eminentemente, um ato político, que possibilita a ampliação do grau de consciência e leitura do real, e pela práxis coletiva, permite o engajamento em ações propulsoras da libertação. No contexto histórico, social e cultural, as condições de desenvolvimento da consciência e da leitura crítica do mundo são objetivadas na construção dialogada do planejamento em perspectiva emancipatória.

Nesse sentido, Freire caracterizou três graus de consciência da realidade, condicionados pela estrutura histórico-cultural, e sujeitos a potencialização pela educação. No primeiro, denominado de “intransitividade em sua consciência”, há uma ausência de discernimento e certa incapacidade de apreender a realidade, em atitude de alheamento da sua própria existência social. Na medida em o educando se expõe ao diálogo ampliado sobre questões que transcendem a mera esfera da sobrevivência cotidiana, sua consciência se amplia, alcançando um grau inicial de consciência, que Freire chama de “transitividade ingênua”. Suas características são a simplicidade na interpretação dos problemas; a busca por uma compreensão mágica e fantástica da realidade; a fragilidade de argumentações e a impermeabilidade à investigações, favorecendo a manipulação. Nela não há espaço para o diálogo, pois a escuta sensível do outro inexistente. Assim, impera a polêmica, centrada em concepções consolidadas, muitas vezes preconceituosas, autoritárias e ultrapassadas. O último estágio, o da “transitividade crítica”, é promovido pela prática da educação dialogal e ativa, “voltada para a responsabilidade social e política”. Nele existe a possibilidade plena da democracia: pela segurança de argumentos; pela receptividade ao novo; pela recusa a todos os tipos de autoritarismo e dominação; pela compreensão investigativa do mundo e pela presença do diálogo superando a polêmica. No cerne dessa concepção, está o compromisso social do educador com a libertação e a emancipação dos seres humanos, em uma perspectiva política de educação como transformação social.

A defesa radical e intransigente da democracia aparece ligada, de forma intrínseca, na obra de Freire, ao conceito de participação como prática e vivência da própria democracia. Paulo Freire destaca a necessidade da participação e do diálogo como mediadores das decisões e ações a serem assumidas coletivamente, nos momentos de elaboração de planejamentos e na gestão das escolas, e ainda, na escolha e vivência das metodologias aplicadas em aula. Por fim, o pensamento e as ações de Paulo Freire carregam inegável coerência política e pedagógica, com a construção histórica e coletiva de possibilidades emancipatórias, em busca constante do “ser mais”.

Neste número dedicado a Paulo Freire, celebramos seu legado, dando a voz a educadores, formadores e em formação, tanto no dossiê “*Formação de professores na perspectiva freireana: políticas, concepções e experiências*”, com seus 20 artigos, quanto nas outras sessões. Destacamos, neste número, a proposição de resistir ao

EDITORIAL. Esperança é verbo! Chega de retrocessos: Esperancemos!

desmonte da formação de professores, que abre o dossiê e a série de textos que tratam de diferentes aspectos e perspectivas teóricas e práticas da pesquisa sobre a formação inicial e permanente, nos cursos de licenciatura e na pós-graduação, na educação infantil, na alfabetização, inclusive científica, e na educação de jovens e adultos, trazendo ricas contribuições à prática educativa à luz do pensamento vivo de Paulo Freire. Merece destaque a contribuição a este número do relato de experiência vindo da Alemanha, de projeto de educação em direitos humanos, de inspiração freireana, e os três textos que fecham o dossiê e tratam dos desafios postos pela pandemia, à formação docente.

A *Entrevista* de Heleno Araújo, presidente do CNTE e coordenador do FNPE, nos estimula a perceber a resistência propositiva e pulsante que se desenvolve no chão da escola pública e alimenta a nossa esperança.

Os textos que compõem a sessão *Ensaio e Artigos*, prosseguem dialogando com a obra de Paulo Freire, articulando educação e política, a práxis libertadora, trazendo concepções e narrativas de egressos, a dimensão da prática na iniciação à docência e no estágio. Da mesma forma, as *Resenhas* que trazemos nesta edição, homenageiam o mestre Paulo Freire e contribuem para a leitura de suas obras.

Destacamos, ainda, a enorme alegria de trazer em forma de poesia, um texto de um estudante secundarista da rede estadual, da pequena cidade de São Fidelis, no noroeste do estado, inaugurando a sessão *Prosa e Poesia*.

Na sessão *Documento*, trazemos a Carta Aberta, assinada por dezenas de entidades do campo educacional, clamando pela revogação da Reforma do Ensino Médio, uma luta que toma corpo e devemos reforçar, exigindo que esta seja uma proposta encampada pela chapa progressista. Este é o momento de reivindicarmos, para 2023, a revogação do lixo autoritário que vem descaracterizando a educação nos últimos anos, como a BNCC, as Resoluções 02/2019 e 01/2020 entre tantas outras. Em *Entidades* sessão dedicada aos informes e documentos das entidades parceiras, temos, neste número, a participação do Forpibid rp.

Ante de concluir, registramos que esta homenagem da Anfope e de *Formação em Movimento* a Paulo Freire, compõe as atividades comemorativas do seu Centenário de nascimento. De Pernambuco para o mundo, a concepção freireana nos alimenta de

utopia, esperança e amorosidade, seguimos e insistimos na luta contra a opressão e por nenhum direito a menos.

Está em nossas mãos mudar os rumos da política brasileira, barrando o retrocesso imposto nos últimos seis anos, em especial, os orquestrados contra a educação pública, que descaracterizam a formação de professores, desvalorizam o magistério e desqualificam a escola e a Universidade públicas. Chega de destruição e retrocesso, de ameaças de golpes, de ataques às instituições republicanas. Chega de criminosa omissão e de impunidade! Não suportamos mais tanta morte, fome e violência! Basta!

Finalizamos esta edição, reafirmando que *Formação em Movimento*, a revista da ANFOPE, se irmana com todos os brasileiros que acreditam que podemos esperar, que reconstruir é possível!

Pela vida, pela democracia, pela educação pública!

É possível ter esperança e na ação política tecer o amanhã ...

Rio de Janeiro, 13 de junho de 2022.

Lucília Augusta Lino  
Editora

Amparo Villa Cupolillo  
Editora Associada

[formov.revista@gmail.com](mailto:formov.revista@gmail.com)

<https://periodicos.ufrj.br/index.php/formov>

\*\*\*\*\*